

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A PRINCESA ROSINHA

NA COVA DOS LADRÕES



2.278
79

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

★

A PRINCESA ROSINHA NA COVA DOS LADRÕES

★

A ILHA MISTERIOSA OU A CORAGEM DE SÓLON

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional

★

EDITORA

Prelúdio Lda
RUA IPANEMA 772 — FONE 93-1374
SÃO PAULO 6

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A PRINCESA ROSINHA
NA COVA DOS LADROES



O mundo é um cinema
De grande variedade,
Cada dia sempre passa
Filmes da antigüidade,
Pois um drama muito antigo
Quando vem é novidade.

Este romance é um dêsse
Que há muitos anos passou-se,
No reinado de Atlântida,
Que já há muito afundou-se,
Diz o povo que êsse reino,
Em mar e céu transformou-se.

Porém em sua existência
Êsse reino era falado,
Tinha como soberanos
Um casal muito estimado;
Era a rainha Nomédia
E o rei Bráulio Conrado.

Dêsse casal tão querido
Só nasceu uma filhinha,
Era linda igual a Vênus,
A mimosa bonequinha
Que teve o nome de Rosa,
P'ra ser chamada Rosinha.

Rosinha ia crescendo
Com muita felicidade,
Porque todos adoravam
Êsse anjo de bondade,
Mas ao chegar dez anos
Surgiu a infelicidade.

Pois no reino appareceu,
Uma quadrilha assombrosa,
De ladrões misteriosos,
Faziam cena horrorosa
Roubavam, matavam gente
De forma misteriosa.

Esses ladrões residiam
Numa montanha que havia;
Diziam ser encantada
Porque ninguém se atrevia.
Ir naquelas matas, pois
Pelas feras morreria.

Porém é que os ladrões
Tinham coragem deveras,
Pois entraram no abismo
E domesticaram as feras
Deram num palácio antigo
Que já tinha muitas éras.

Ali ficaram morando,
Na mais triste solidão;
A quadrilha era sessenta,
Era quase um batalhão
Tiraram o mais destemido
Promoveram a capitão.

Cercaram tôda montanha,
Deixaram um portão somente,
Guardado por dois gigantes,
E cada qual mais valente,
Esses só se alimentavam
De carne e sangue de gente.

E depois domesticaram,
Com trabalho dez leões
E botaram mais adiante
Como fortificações;
Os leões só entendiam
A quadrilha de ladrões.

Domesticaram também
Duas horríveis serpentes
E ao depois dos leões,
Botaram as cobras valentes,
Cada engolia um homem
E não tocava nos dentes.

Assim ficou descansada
Aquela quadrilha forte,
E quem fôsse persegui-la
Era ir buscar a morte.
Dar de comer aos gigantes
Pra melhorarem de sorte.

Porque quem fôsse teria
De mostrar disposições,
Enfrentar os dois gigantes
E depois os dez leões;
Passando tinha as serpentes
Protetoras dos ladrões.

Quem passasse os obstáculos,
Enfrentava os acelerados,
Que estavam no palácio
Muito bem entrincheirados,
Canhões e metralhadoras,
Para tudo preparados.

É por isso que os ladrões
Roubavam, não tinham medo:
Espalhavam no reinado
Os mistérios com segredo,
Depois que faziam rouhos
Voltavam para o degrêdo.

A polícia os perseguia,
Seguiam muitos soldados
Só chegavam no portão,
Eram logo devorados
Pelos gigantes famintos
E os leões esfomeados.

Os ladrões continuavam
Roubando até as donzelas,
Quer fôsem ricas ou pobres
Quer fôsem feias ou belas,
Faziam o que queriam
E depois matavam elas.

O rei viu a coisa séria,
A desgraça do reinado,
Todo povo se acabando
Pelo grupo celerado;
Até de sua policia
Não tinha mais um soldado.

Então o rei preparou
O exército e a marinha,
Botou nos ladrões sem pena,
Com toda força que tinha;
Morria tanto soldado,
Que parecia murrinha.

A guerra durou um ano,
Mas a força esmoreceu
Pois dos soldados que foram,
Escapou o que correu,
Toda força do reinado
Nessa batalha morreu.

Os ladrões nada sofreram,
Só gastaram munições,
E desgraçaram a cidade,
Com as balas dos canhões,
A montanha foi chamada,
Pela "cova dos ladrões".

Depois da guerra o reinado
Ficou sem ter proteção,
Os ladrões se indignaram
Com uma louca paixão,
Foram roubar a princesa
Para dá-la ao capitão.

Quando entraram no palácio
Prenderam logo a rainha,
Saquiaram tôda a casa.
Para levarem o que tinha,
Deixaram o rei amarrado
E carregaram Rosinha.

Levaram a princezinha,
Por dentro da solidão,
Para dá-la de presente
Ao seu bom capitão:
No dia dos anos dêle,
Teria satisfação.

Na hora que lá chegaram,
O capitão indecente,
Veio ao encontro dêles,
Recebeu-a de presente
Era triste ver-se o pranto
Dessa infeliz inocente.

Ele perguntou-lhe o nome
Ela respondeu: — Rosinha
Ele disse: — Como é linda!
Porém é muito mocinha.
Quando tiveres idade,
Um dia hás de ser minha.

Nesse tempo ela contava
Onze anos de idade:
O capitão dos ladrões,
Tomou-lhe grande amizade,
Mas botou-a na prisão
Sem nenhuma liberdade.

Então disse o capitão:
Esta eu vou adorá-la,
Amei-a de coração
E sempre hei-de amá-la,
Se ela não me amar,
Assim eu posso forçá-la.

É o monstro todo dia,
Ia vê-la na prisão,
Tratando-a bem direitinho,
Com uma boa refeição
Dando mel para depois,
Dar-lhe fel com alcatrão.

Aqui eu deixo Rosinha,
Para voltar ao reinado;
Vamos encontrar o rei,
Triste e desconsolado,
Só desejava na vida,
Era morrer enforcado.

Porque o que estimava,
Tinha desaparecido;
Era sua filha única,
O seu anjo estremecido,
Sem saber êle pensava,
Que ela tivesse morrido.

Não tinha prazer na vida,
Nem o rei nem a rainha;
Pois fazia quase um ano
Que choravam a filhinha;
Viviam fazendo preces
Para a alma de Rosinha.

Porém em outro reinado
Apareceu um rapaz;
Que brigava por destino,
Na luta era um voraz,
Muita gente já dizia
Que êle era o satanás.

Porém é que esse môço,
Trouxe o dom da natureza,
Gênio, coragem e destino,
Fôrça jeito e ligeireza;
No mundo não tinha homem,
Para dêle ter a destreza.

Tinha apenas vinte anos,
Forte, ousado e valente,
Era um tipo elegante,
Andava muito decente,
Contava vinte e seis mortes.
Tôdas de cabras insolente.

Uma vez êle encontrou,
Um sujeito arruaceiro,
Assombrava uma cidade,
Com o nome de cangaceiro:
Guilherme êsse tal môço,
Foi ver êsse aventureiro.

O rapaz vendo o valente,
O povo fazia apostas,
Que o môço perdia luta,
Guilherme ouviu as propostas
Sô deu-lhe uma punhalada,
Tirou-lhe o fígado nas costas.

E assim brigava sempre,
Com tôda disposição,
Luta a revólver e espada,
Ganhava tôda questão,
Em esgrima e todo esporte,
Do país foi campeão.

Guilherme pelas bravuras,
Que ganhava todo dia
Dizia o povo que êle
Era o rei da valentia,
E êsse nome de glórias
Tôda nação já sabia.

O rei Bráulio quando soube
Dêsse rapaz valentão
Mandou buscá-lo com festa
E grande recepção
Para ver se êle podia
Salvar a sua nação.

Guilherme quando chegou
Lhe disse o rei sem tardança:
— Se você salvar meu reino
Fazendo a minha vingança
Eu lhe darei de presente
A coroa por lembrança.

Então contou a Guilherme
A façanha dos ladrões
A coragem dos gigantes
A bravura dos leões
A vingança das serpentes
Devorando os bafalhões.

Contou como sua filha
Foi roubada do reinado
Guilherme viu seu retrato
Ficou logo apaixonado
Disse ao rei: — Quero armas
Para seguir bem armado.

Preciso de três espadas,
Um revólver e um punhal,
Também muita munição,
De fabrico especial,
Para enfrentar os gigantes,
Leões e tudo afinal.

Guilherme mandou fazer
Uma vestimenta de aço,
Com molas suficientes,
Para mover cada braço;
Partiu p'ra vencer a luta,
Ou ficar lá o bagaço.

Quando chegou ao portão
Um gigante apareceu
E disse para Guilherme:
— Por ti esperava eu
P'ra dar de comer à gente
Aqui ninguém mais comeu.

Guilherme que estava pronto,
Meteu-lhe logo a espada;
O gigante puxou outra
Que era mais afiada,
E deu um grito chamando
O outro seu camarada.

Chegou logo o outro e disse:
— Vamos comer êste diabo!
Guilherme disse: — E você
Para onde vem tão brabo?
Cravou-lhe a espada no peito
Que entrou até no cabo.

Esse caiu logo morto,
Ficou somente o primeiro,
Que lutava com o môço,
Como um feroz carniceiro,
Na luta êles caíram
Dentro de um despenhadeiro.

Guilherme muito cansado,
Preparou uma cilada
Porque viu que não pegava,
O gigante na espada,
Com o braço esquerdo deu-lhe
Uma enorme punhalada.

Na punhalada o gigante,
Deu um esturro e gemeu,
Guilherme mais que depressa
Outra punhalada deu,
Em cima deu outro mais
Que o gigante morreu.

Depois do gigante morto,
Guilherme seguiu viagem,
Ao caminhar meia legua,
Perto de uma passagem,
Enfrentou os dez leões,
Com heroismo e coragem.

Assim que os leões partiram
Guilherme a espada puxou,
O mais aloito que vinha,
Em dois pedaços cortou,
Meleu a espada noutra,
Que esse morto tombou.

Naquilo os oito avançaram
Mas o moço sem sobrosso,
Esperou-os de pé firme;
E deu um golpe colosso,
Que partiu dois pelo meio.
Dentro tirou o pescoço.

Porém é que nessa hora
Quando Guilherme virou-se,
Um leão deu-lhe um tapa
Que a espada quebrou-se;
Guilherme puxou por outra
Esta no leão cravou-se.

O leão já estava morto,
Quando Guilherme puxou-a;
Porém é que outro leão,
Neste instante rebalou-a;
Guilherme puxou a última,
Fornida, pesada e boa.

O rapaz com essa espada
Melhorou mais do cansaço,
Desceu ela num leão,
Partiu-o no espinhaço;
Ficaram três e Guilherme
Ali os fez em bagaço.

Guilherme descansou muito.
Depois da luta medonha,
Vendo os leões todos mortos,
Seguiu igual a quem sonha
Mas quando viu as serpentes,
Só não correu com vergonha.



Então as duas partiram,
 Guilherme se desviava,
 Metia a espada com força,
 Esta o gume virava,
 Ele viu que as serpentes,
 A espada não cortava.

Bateu mão a seu revólver,
 Da luta já bem cansado
 Atirou, porém também,
 Não deu nenhum resultado,
 Nenhuma bala furava,
 Guilherme se viu logrado.

Com duas horas de luta
 Jesus o auxiliou
 Por muita felicidade,
 No olho de uma acertou;
 No tiro ela deu um silvo
 E a luta abandonou.

Guilherme que já pensava
 Perder o grande valor,
 Porém no tiro conheceu
 Qual o lugar matador,
 E bem no olho da outra
 Deu-lhe um tiro arrasador.

Assim morreram as serpentes,
Perderam tôdas ações;
Guilherme daí partiu
Para a "cova dos ladrões"
Quando foi chegando perto
Viu dois enormes portões.

Por felicidade dêle,
Os ladrões andavam fora,
Só estava o capitão
E um vigia na hora,
Guilherme pegou o vigia
E matou-o sem demora.

Então entrou no palácio,
Correu salão por salão,
Quando chegou na cozinha
Avistou um alçapão,
E dentro avistou um homem
Com um grande punhal na mão.

E nos pés dêle uma jovem
Ajoelhada chorando;
Era a princesa Rosinha
Que estava se lastimando,
E o capitão dos ladrões,
Estava lhe confessando.

Com o punhal lhe apontando
Em cima do coração,
Dizendo: — Vamos senhora!
Veja se me aceita ou não?
Do contrário hoje mesmo
Vai para dentro do chão.

Rosinha disse: — Eu prefiro
Morrer, porém sendo honrada
No céu descanso nos braços
De Maria Imaculada,
Porque não parto do mundo
Com minha alma manchada.

Guilherme desceu a escada
Com o revólver na mão,
Tão sagaz que parecia,
Que não pisava no chão
Ficou atrás do bandido,
Ouvindo esta confissão.

O monstro disse à princesa:
— Dos meus pés você não corre,
Tem que ceder o que quero
Aqui ninguém lhe socorre:
Guilherme gritou atrás:
— Não estremeça que morre.

Nisso o capitão virou-se
Com o seu punhal na mão
E partiu para Guilherme,
Igual um lobo ou leão;
Guilherme deu-lhe dois tiros,
Em cima do coração.

Rosinha quando viu isso,
Se abraçou com o rapaz
Dizendo: — Tu és um anjo
Das regiões divinais,
Vieste para salvar-me,
Já nos momentos finais.



Disse Guilherme: — Ainda falta,
A corja devoradora,
Então foi para o portão,
Com uma metralhadora;
Rosinha pertinho dêle,
Como municiaadora.

E Guilherme entrincheirado
Prestando todo sentido
Quando a quadrilha apontou
O môço bem destemido
Com três rajadas que deu
Não escapou um bandido.

Dai Guilherme e Rosinha
Seguiram para a cidade
Embriagados de amor
Na doce paz da amizade
Assim entraram de braços
Na côrte da majestade.

Quando entraram na côrte
Tanto o rei como a rainha
Logo abraçaram Guilherme
E a querida fillinha
As môças jogavam flôres
Sôbre Guilherme e Rosinha.

Guilherme foi coroado
Porque assim merecia
E casou-se com Rosinha
Com tôda soberania
Enfim êle teve a coroa
Como "o rei da valentia".

A bravura dessa luta
Levou Guilherme à vitória
Munido com boas armas
Enfrentou e teve a glória
Isto é fato sem segundo
Dá voragem a todo mundo
A vingança desta história.

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A ILHA MISTERIOSA

OU
A CORAGEM
DE SOLON



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

**A ILHA MISTERIOSA OU
A CORAGEM DE SÓLON**



Este mundo representa
Um teatro em nossa vista
Enquanto o pobre sofre
Goza o capitalista
Enquanto um se diverte
O outro serve de artista.

Enquanto um luta na vida
Com trabalho e sacrificio
O outro arranja fácil
Sem enfrentar precipicio
Enquanto um faz a comédia
O outro dá o inicio.

Há muitos séculos atrás
No reino do Oriente
Apareceu um mistério
Que assombrou muita gente
No meio do Oceano
Para o lado do nascente.

Com muitas leguas da terra
Dentro das águas do mar
Surgia uma grande ilha
Que fazia admirar
Do reinado Persiano
Podia se contemplar.

No centro havia um castelo
Parecia um paraíso
Com um letreiro escrito
Dizendo: leia o aviso
Quem vir aqui se despeça
"Até o dia de jutzo".

De formas que essa ilha
Causou grande confusão
Vinha gente para vê-la
Quase de toda nação
Porém para chegar perto
Ninguém tinha coração.

O reinado Persiano
Tinha sua grande herdeira
A princesa Carmelita
Em beleza era a primeira
Tinha as feições de Vênus
Nos pés da brisa fagueira.

Uma tarde Carmelita
Numa praia passeava
Um vento misterioso
Pela princesa passava
Levou-a por cima d'água
Que nem os pés não molhava.

As amigas quando viram
Correram horrorizadas
Foram dar parte ao rei
Como loucas assombradas
Dizendo que aquilo era
Feitigaria das fadas.

O rei sabendo a noticia
Achou que não tinha trilha
Foi olhar com um binóculo
Ainda viu sua filha
Quando entrava na porta
Lá no castelo da ilha.

O rei mandou num navio
Um batalhão bem armado
Dizendo ao comandante
Que seguisse com cuidado
E trouxesse a sua filha
Como único resultado.

Chegando perto da ilha
Se houver oposição
Prepare seus artilheiros
Lute com disposição
Traga a môça, embora deixe
A vida do batalhão.

Naquela hora o navio
Já na água deslizava
Com três dias e três noites
Perto da ilha chegava
O rei com o seu binóculo
Do palácio observava.

Viu quando o grande navio
No cais da ilha atracou
Em tôda ordem de guerra
A grande força saltou
E no portão do castelo
A tropa tôda entrou.

O rei que estava atento
Já olhava com sobrosso
Quando apareceu um letreiro
Dizendo: "em meu calabouço
Essa tropinha que veio
Não dá para meu aliuôço".

O rei que leu o letreiro
Ficou entusiasmado
Preparou tôda esquadra
Do seu possante reinado
E mandou cercar a ilha
Fazer um fogo cerrado.

Partindo a grande esquadra
Cercou a ilha falada
Os canhões abriram fogo
Numa possante rajada
Porém no grande castelo
Balas não faziam nada.

Com dez dias de batalha
Na grande revolução
Surgiu uma ventania
Que parecia um vulcão
Dominou tôda esquadra
Esse enorme furacão.

Então a possante esquadra
Na ilha foi arrojada
A tropa em desespero
Foi tôda desembarcada
E depois para o castelo
Foi à fôrça arrebatada.

O rei contemplava a cena
Metido em tais embaraços
Dos seus navios de guerra
Só existiam retraços
Das bandeiras ao vento
Inda avistava os pedaços.

O rei formou o conselho
Chamou cada conselheiro
Para enfrentar o mistério
Com o seu povo guerreiro
Ou salvar a sua filha
Ou morrer o derradeiro.

Disse o ministro da guerra:
-- Eu juro por Deus eterno
Que se hei-de ir à ilha
Vou escrever um caderno
Levar carta ao diabo
Nas três portas do inferno.

Nem eu vou nem meu soldados
Nem os paisanos também
Cair na bôca do lobo
Quem vai lá nunca vem
Mesmo não sirvo de bucha
P'ra barriga de ninguém.

O rei vendo essa resposta,
 Ficou pisando em brasa
 Dizendo: — Não vou sózinho
 Porque o reino se arrasa
 Mesmo eu tenho coragem
 Porém o medo me atrasa.

Se aparecer um valente
 Que tenha o desafôro
 De descobrir o mistério
 Faz parte no meu tesouro
 Reccebe um lindo condado
 E dez mil contos em ouro.

E se a princesa fôr viva
 Saindo do cativeiro
 Como também quem salvá-la
 Se fôr um rapaz solteiro
 Será o espôso dela
 E do meu reino herdeiro.

O rei botou um artigo
 Em todos jornais que tinha
 Dizendo quem quiser vir
 Fazer a vontade minha
 Escreva para São Pedro
 E dê adeus à farinha.

A noticia dessa ilha
 Correu em tôda paragem
 Apareciam valentes
 Porém só na pabulagem
 Quando avistavam a ilha
 Perdiam tôda coragem.

Então aquêles afoitos
 Queriam ver o segrêdo
 Tomavam embarcações
 Marchavam para o degrêdo
 Porém antes de chegarem
 Morriam só com o medo.

Em um país bem distante
 Habitava um belo môço
 Que dizia abertamente
 Sou mais duro do que ôsso
 Nunca encontrei mistério
 Que me fizesse sobrosso.

Vou embora pelo mundo
 Ver se acho a quem ataque
 Porque quando tenho raiva
 Bebo um pouco de conhaque
 Se encontrasse o diabo
 Malava êle de baque.

Esse môço era Sólon
 Que tinha perdido os pais
 Abandonou seu país
 Para lá não voltar mais
 Partiu que só Oliveiros
 P'ra lutar com Ferrabrás.

Com três meses de viagem
 Um dia pela tardinha
 Muito perto da estrada
 Avistou uma casinha
 Foi lá e bateu na porta
 Lhe saiu uma velhinha.

A velha disse: -- Meu filho
 O que andas a fazer
 Sólon respondeu a ela
 -- Viajo para sofrer
 Arranjar felicidade
 Ou p'ra matar ou morrer.

-- Se tu tiveres coragem
 Eu dou ao que vens atrás
 Sólon então respondeu
 -- Meu destino é voraz
 Que entro até no inferno
 Trago prêso satanáas.

Disse ela: — Então me ouça
Tenho em mim confiança
Eu dou-te a felicidade
P'ra fazer uma vingança
Com o monstro dos mistérios
Da ilha de "Pedra Mansa".

Ele é um corpo sem alma
Tem um poder esquisito
O couro d'ele é mais duro
Do que pedra de granito
Porém eu te dou as armas
Com que vences o maldito.

Solon disse: — Eu preparado
A êsse monstro espedaço
Sendo pedra eu dinamito
Vejo voar o bagaço
Se fôr de aço eu quebro
Sendo de ferro eu amasso.

-- Deus permita que na luta
O monstro você açoite
Porém com a "Pedra Mansa"
Peço que não se afoite
Que contém todos mistérios
Da fada da meia-noite.

A fada quando morreu
Como era minha irmã
Deu-me a pedra de presente
Que era um talismã
Porém um bruxo roubou-me
Um dia pela manhã.

De posse da "Pedra Mansa"
Numa ilha transformou
E com a força que tinha
Um mistério preparou
Tirou a alma do corpo
Numa lâmpada colocou.

A lâmpada é a vida d'ele
Que conserva bem guardada
Num grande subterrâneo
Se desce por uma escada
Ele só morre algum dia
Se a lâmpada fôr apagada.

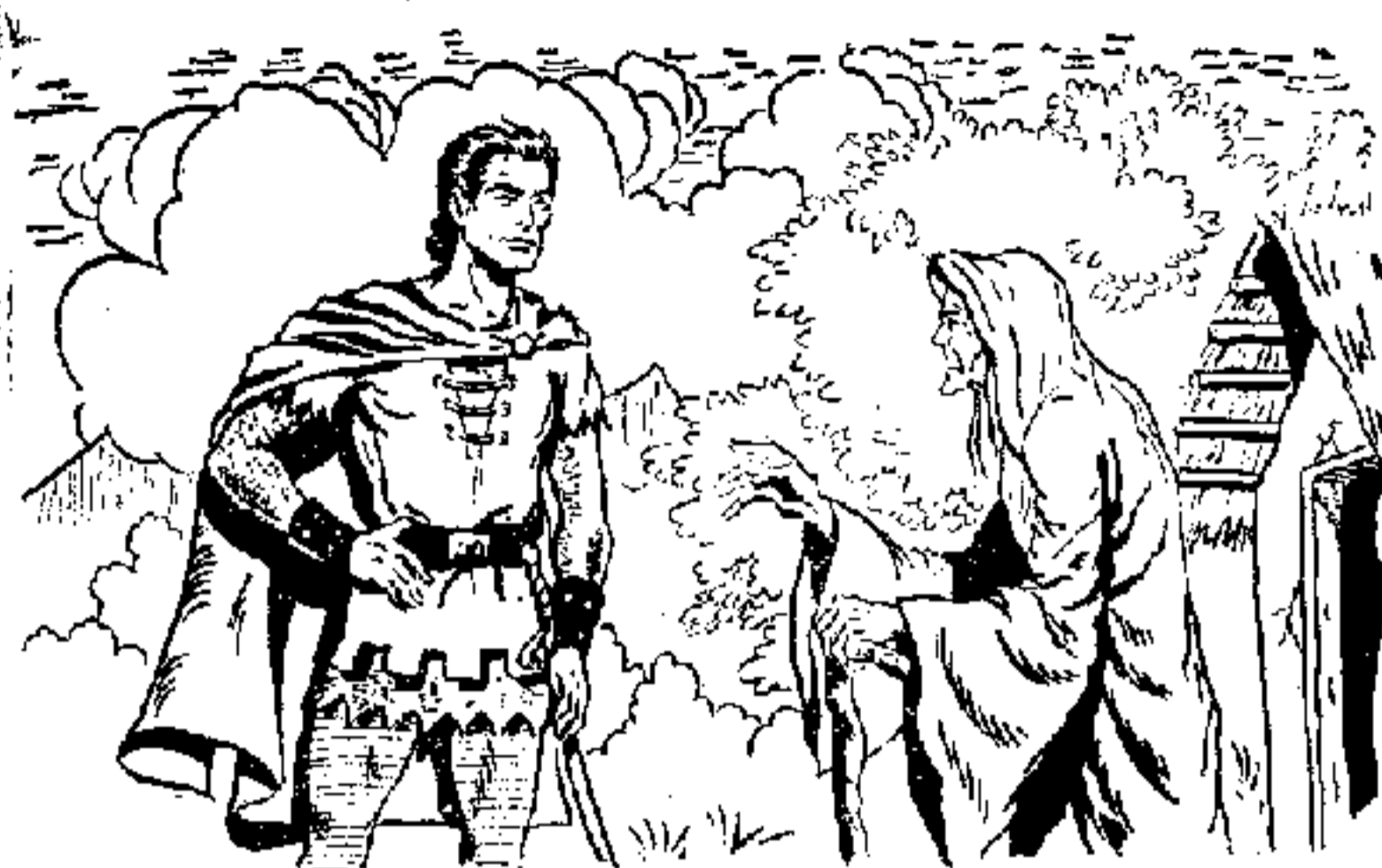
No fim da escadaria
Com mil metros de altura
Está a vida do monstro
Garantida e bem segura
Guardada por três cachorros
De monstruosa figura.

Depois dos cachorros têm
Batalhões de esqueletos
Todos de olhos de fogo
Com pestanas de gravetos
As línguas d'esses fantasmas
Furam mais do que espetos.

Vença tudo com coragem
Veja se luta e não corre
Que tendo disposição
O meu poder te socorre
E apagando a lâmpada
O monstro perverso morre.

Aí quebra-se o mistério
E sentes um calafrio
A ilha desaparece
Nas águas do mar bravio
Ficas em cima da pedra
Que te leva ao navio.

Também vês uma princesa
Na flor d'água flutuando
Há três anos vive prêsa
O monstro a castigando
Salva que é tua noiva
Que está te esperando.



Tome leve esta espada
Siga com disposição
Esta arma é magnética
E estando em tua mão
Tem o poder dos planetas
E a força de Sansão.

Leve também este anel
Que tem poder e critério
Você com êle penetra
Em segredo muito sério
Chegue na ilha e procure
O alçapão do mistério.

A velha disse a Sólon
Onde ficava o reinado
O rapaz seguiu disposto
Com um mês era chegado
Dizendo que ia à ilha
Do povo foi criticado.

Porém falou com o rei
Que deu uma embarcação
Sólon partiu com coragem
Não levou tripulação
Chegou na ilha foi logo
A boca do alçapão.

Desceu com tôda coragem
Naquela escada escura
Surgiu um grande cachorro
Com dois metros de altura
Sólon pegou na espada
Para mostrar a bravura.

O môço enfrentou o monstro
Que não pedia socorro
Quando a espada descia
O sangue corria em jorro
Era maior que um pires
Cada ôlho do cachorro.

A espada magnética
Voava fogo do aço
Em todo canto que ia
Via cair o pedaço
Com dez minutos de luta
O cachorro era bagaço.

Sólon desceu novamente
Procurando pelo tato
Viu surgir outro cachorro
Mais ligeiro que um gato
Esse tinha cada ôlho
Do tamanho de um prato.

Éra um cão monstruoso
Astuto ligeiro e brabo
Deslizava na espada
Que parecia um quiabo
Voava fogo dos olhos
Igualmente ao diabo.

Porém Sólon era forte
Deu nêle um contra passo
O golpe pegou de jeito
Que rolou o espinhaço
Com mais duas espadadas
Só caiu lá o cangaço.

Tornou descer a escada
Já no fim encontrou mais
Outro cachorro enorme
Com dentes descomunais
Com cada olho de fogo
Que assombrava o satanás.

Esse era agigantado
Sólon viu fez um esbarro
Cada presa do cachorro
Era maior que um jarro
Também tinha cada olho
Como uma roda de carro.

O cachorro abriu a boca
Que cabia um elefante
Porém Sólon preparado
Com a espada possante
E o anel que lhe dava
A força de um gigante.

Partiu enfrentou a fera
Como um leão destemido
Porém com esse cachorro
Ele encontrou um marido
Já lutava vendo a hora
Que ia ser engolido.

Sólon já muito cansado
Esperou-o pela frente
Quando meteu a espada
Viu sair um vento quente
O golpe pegou na boca
Que não ficou um só dente.

O cachorro deu um pulo
Rodou como quem desanda
Sólon também deu um salto
Como quem vai e não manda
Meteu-lhe outra espada
Abriu-lhe a cabeça em banda.

Quando o cachorro morreu
Sólon por uma janela
Viu uma mesa de cristal
A lâmpada em cima dela
Mais de dois mil esqueletos
Botando sentido a ela.

Sólon partiu para lá
Foi um escangalho preto
Os fantasmas avançaram
Cada qual com um espêto
Sólon com cada espadada
Desmanchava um esqueleto.

Um fantasma deu um salto
Pegou-o pelo pescoço
O rapaz deu-lhe um balão
Que o "cabra" comeu grosso
Bateu em cima no ferro
Não ficou inteiro um ôsso.

Sólon pegava fantasma
Fazia mólho de três
Jogava em cima dos outros
Com destreza e rapidez
Via cair as ossadas
De dez, doze de uma vez.

Para o lado dos fantasmas
A luta estava perdida
Porque já haviam poucos
P'ra Sólon estava vencida
Nisso apareceu o monstro
Que vinha salvar a vida.

O môço então enfrentou-o.
Não quis medir os horrores
Quando meteu a espada
Sentiu um choque de dores
Também viu voar lingueta
De fogo de tôdas côres.

Tornou a meter a espada
Sentiu o braço cansado
Sólon deu um passo atrás
E ficou desanimado
Porque na bôca do monstro
Não dava um só bocado.

O monstro com todo orgulho
Deu no môço uma pesada
Porém Sólon defendeu-se
E deu-lhe outra espadada
O monstro partiu em cima
Arrebatou-lhe a espada.

Sólon se vendo perdido
Só viu a luz amarela
Pulou em cima da lâmpada
Quebrou e apagou ela
O monstro deu um gemido
E esticou a canela.

Naquela hora Sólon
Ouviu um grande trovão
Estava em cima da pedra
Com a espada na mão
Só via o oceano
E a sua embarcação.



Olhou de um lado e viu
A princesa se afogando
Quando salvou-a sentiu
Que ia se apaixonando
E a princesa também
A ele ficou amando.

Seguiram para o reinado
Na pequena embarcação
Levaram a pedra da velha
Com grande satisfação
O anel e a espada
Que foram a salvação.

Quando chegaram ao porto
Subiram fogos no ar
A alegria foi tanta
Que não posso avaliar
Todo povo do reinado
Foi a Sólon abraçar.

Para prestar homenagem
Ao moço vencedor
Seguiram para o palácio
Num cortejo de valor
Sólon foi de cadeirinha
A princesa em um andor.

Chegaram lá se casaram
Naquela hora sagrada
Pra felicitar os noivos
Veio a velha irmã da fada
Levou sua "Pedra Mansa"
O anel e a espada.

A ilha misteriosa
Levou muitos para morte
Mas Sólon com a espada
Enfrentou o monstro forte
Imitou a Oliveiros
Deu lição aos guerreiros
A vida é pra quem tem sorte.

7541



Peça a seu vendedor ou a EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — São Paulo-6

SNB